

FRONTEIRAS E LIMITES DA INTERDISCIPLINARIDADE: CONFLUÊNCIAS DA ARGUMENTAÇÃO

Lineide Salvador Mosca*

Introdução

Pode-se dizer que todo avanço nas pesquisas que envolvem a linguagem é de fundamental importância não só para as Ciências Humanas, mas também para aquelas consideradas o núcleo duro das ciências. Na verdade, quando se fala em ciências duras e não duras, pode-se dizer que estamos diante de formas diferentes de conhecimento, de acessos distintos à realidade, mas que se completam e que, ainda assim, não nos dão a totalidade do saber sobre as coisas. Esse reconhecimento deixa os humanos bem mais humildes e expostos a desafios cada vez maiores.

A nossa compreensão do mundo envolve sempre alguma espécie de crença, já que temos que confiar naquilo que avançamos e postulamos. A perspectiva do cientista se manifesta de forma clara, quando faz extrapolação de uma teoria ou modelo, além dos limites atestados, com projeções baseadas em possibilidades. Sem isso, a ciência não avançaria.

De fato, até que uma ideia nova nesse domínio ganhe a coletividade, ela é discutida entre os pares, apreciada em seus fundamentos e validade e só então “traduzida” ao grande público. Dá-se inicialmente um processo de convencimento e de persuasão até que se possa chegar a um patamar mais abrangente das ações a ele adequadas. Bárbara Cassin, famosa helenista, tratou das relações entre ciência e retórica. Partindo de Aristóteles, apontou o fato de que o justo e o verdadeiro são mais fortes que os seus contrários e sublinhou que o verdadeiro é diferente do persuasivo e que a demonstração pública tem de ser persuasiva, além de verdadeira (apodítica, para Aristóteles). Aqui é que entra o poder da ar-

* Professora Livre-Docente da Universidade de São Paulo. Membro do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP e líder do Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação (GERAR/CNPq).

gumentação convincente. Segundo a autora, seria uma vergonha permitir que o verdadeiro se torne fraco, por não ter quem o defenda e exalte.

Fazendo um exercício de volta ao princípio da História, constata-se que a violência era a lei e tudo se resolvia pela força física, mas à medida que a humanidade mudou esse estado de coisas, a palavra foi se tornando mediadora, ou seja, o instrumento com o qual se constroem os argumentos, ora apaziguando os dissensos, ora caminhando para os consensos. Tornou-se uma força, mas de outra natureza, a simbólica. A nova ordem gerou modificações sociais e comportamentais que ampliaram as situações de conflito, em decorrência dos diferentes interesses e valores que foram se impondo.

Não se pode deixar de considerar que cada época faz a leitura dos fatos de acordo com o seu próprio modo de pensar, uma vez que este comporta, além daquilo que é dado, a maneira de os interpretar e de os comunicar. Assim, pode-se afirmar que os discursos se revestem das nuances de cada tempo, para desempenhar sua função, seja ela de interpretar os fatos e de compreender o universo, seja de persuadir ou orientar comportamentos, opiniões e preferências.

Em sua *Gaia Ciência/Le Gai Savoir*, de 1881-1882, Nietzsche afirmava que “não seríamos capazes de ignorar a possibilidade que o mundo encerra de uma infinidade de interpretações” (parágrafo 374).

As transformações da humanidade trouxeram novos elementos e comportamentos que se foram agregando à sociedade. Assim a mobilização do discurso foi se acentuando e passou a ser fundamental nas relações interpessoais e também institucionais. Tal é o caso do discurso político - o discurso deliberativo, na retórica antiga, aliado ao epidítico - com a sua imensa variedade de formatos, que inclui desde as mensagens governamentais, os pronunciamentos à população, as publicidades com que os poderes se mantêm na governança, os debates, os slogans, os programas televisivos, especialmente os do horário eleitoral, as entrevistas e outros mais, como as charges e quadrinhos de cunho político. A performance é muito importante neste caso, passando pelas caminhadas de rua (de onde a expressão “bom de rua”), pelas inaugurações e coisas que tais. O eleitorado espera, mais que um debate político, um

show performático, fazendo jus ao que Guy Debord descreve em *A sociedade do espetáculo* (1991).

Esta ampliação do espaço discursivo trouxe evidentemente uma maior complexificação, porém permanece como núcleo central a **intenção de persuadir**, às vezes de modo muito sutil, de provocar e desencadear no outro uma reação, seja ela de cunho racional, demonstrativo, seja do domínio do emocional ou produto da junção de ambos.

1. Um retrospecto histórico

A arte de falar bem constituía um ideal do cidadão no mundo greco-romano, fazendo parte do núcleo basilar que constituía a sua educação. Era o coroamento da educação greco-romana, considerada uma ferramenta imprescindível do bem pensar e não uma simples manifestação de eloquência. Esse conceito será, aliás, reexaminado nos primeiros séculos da era cristã, subordinando-se aos objetivos a alcançar, ou seja, à eficiência na propagação da nova mensagem, conforme se vê, por exemplo, em Santo Agostinho, que propôs uma competência discursiva apropriada a esse fim.

Em tempos modernos, o conceito de eloquência sofrerá outras modificações, adaptando-se às condições de vida da sociedade, em que o efeito produzido se torna cada vez mais importante, assim como os meios para torná-los mais rentáveis e operantes. Quem é que não deseja desenvolver as suas habilidades no trato da comunicação, considerada um dos mais importantes quesitos para o êxito profissional, nas diversas demandas que se apresentam em nossos dias, tanto em sua forma oral como escrita? Além do mais, o modo de nos situarmos pela linguagem e, na modalidade oral, pela gestualidade, pela impositação da voz, tonalidade e outros elementos que caracterizam a *actio* (a *pronunciatio*) – assim designada pela antiga retórica – determinam o grau de credibilidade que se deseja obter. Estudos mostram que aproximadamente 35% do que se transmite numa mensagem estão ligados à voz e à gestualidade.

De fato, o sujeito vai se construindo pelo discurso e é nele que projeta a sua imagem, pelas **escolhas** que faz, revelando as suas **preferências** e mesmo as suas idiossincrasias. Sabe-se que suas escolhas são limitadas

pelo discurso social que o envolve e, ao mesmo tempo, o constitui, mas dá-se uma relativa margem em que se move e em que se constitui como sujeito, com suas **reações e atitudes**. Por meio delas, pode transmitir seriedade, confiança e simpatia ou os seus opostos. A informação não se localiza simplesmente no conteúdo transmitido, mas na forma como ela se dá, o que passa também por questões emocionais e afetivas. Tudo isto se enraiza, evidentemente, no acervo comum da humanidade (na *doxa* e nos *topoi*) e no repertório das culturas locais.

Uma argumentação coerente e bem estruturada é responsável, em grande parte, pelo alcance dos propósitos, que se tem em mente, não isentos, todavia, da parte emocional, presente em todas as trocas interpessoais e nas relações das coletividades. A afetividade auxilia também na organização do pensamento e no encontro das soluções cabíveis a cada caso, daí falar-se hoje em dia em “inteligência emocional”. Não se argumenta em vão, mas na busca dos melhores resultados para o que se tem em mente.

2. Âmbito da Argumentação nas Ciências Humanas

Para tratarmos do lugar da argumentação no quadro das Ciências Humanas, necessário se faz, antes de tudo, delinear o próprio âmbito da argumentação, sua natureza e principais funções. Toda argumentação é retórica e, igualmente, toda retórica pressupõe argumentação, havendo uma relação de implicação entre elas.

Na visão contemporânea, amplia-se o conceito de argumentação, que passa a abranger o próprio domínio da retórica, tal como se vê no *Tratado da Argumentação*, cujo subtítulo é *A Nova Retórica*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, datado de 1958, no mesmo ano em que Stephen Toulmin publicava *The Uses of Argument*, duas obras fundamentais ao estudo da argumentação. Michel Meyer, continuador da obra de Perelman, mantém a distinção entre retórica e argumentação, mas afirma poder-se centralizar na argumentação, quando tal distinção não se fizer necessária (*A Retórica*, 2007). A argumentação seria, neste caso, a retórica de nossos dias.

Se fizermos um cotejo entre os princípios que regem a demonstração das ciências exatas e os pressupostos que pautam a argumentação, isto ficará mais claro:

Demonstração	Argumentação
Racionalidade	Razoabilidade
Evidência	Probabilidade
Axioma	Verossimilhança
Rigor lógico	Domínio da opinião
Certezas	Incertezas
Univocidade	Plurivocidade
Objetivação	Subjetivação

Havendo situações em que não é possível a razão pura, matemática, mas a interveniência de experiências pessoais e de grupo, pode-se falar em argumentação retórica, que não prescinde da argumentação demonstrativa ou apodítica, mas está sujeita a questões psíquicas, emocionais, políticas, sociais, ligadas a interesses e percepções particulares.

É neste campo que a retórica assume o papel de buscar a **adesão**, não só pelas provas racionais, mas pela ação sobre os espíritos, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, as mentes enfim, numa relação que envolve os locutores e seus destinatários, o auditório, isto é, o conjunto de indivíduos que se quer convencer/persuadir, segundo o *Tratado*. Por esta razão, o fator **intencionalidade** está sempre presente quando se trata de um fazer retórico, o que não quer dizer que se tenha pleno domínio sobre todos os resultados.

Cabe também salientar a tríplice dimensão que se estabelece, envolvendo os componentes básicos dessas relações interpessoais, fundamentais nas Ciências Humanas em seu todo: o *lógos* (saber e discurso), o *éthos* (a imagem dos sujeitos envolvidos), o *páthos* (a sensibilidade em jogo). Tempos houve, em que se privilegiava o *logos*, tão enraizado que ele estava no pensamento filosófico de então, mas os enfoques atuais os consideram inseparáveis, uma vez que atuam conjuntamente. Pode-se

representar essa conjunção por meio de esferas que se cruzam ou esquemas que mostram como se dá essa re-alimentação.

Isto nos dá uma mostra de como se dá o processo de argumentação, em que o outro da interlocução é fator determinante das escolhas a fazer, direcionando os procedimentos a mobilizar. Concebemos, portanto, uma visão dinâmica da argumentação, em que há uma **situação de troca**, que é interativa, constituindo um **processo**, com ajustes e acomodações.

3. Conflito e acordo: a negociação das diferenças

Pode-se passar da situação de confronto para a situação de **negociação**, uma vez que esta traz em sua base a ideia de conflito e de dissenso, portanto, campo propício ao exercício da argumentação. Em nossos dias, atribui-se grande ênfase ao princípio da negociação, sobretudo quando se fala em retórica e argumentação. Como estas são sempre produto de uma construção, dão-se avanços e recuos, concessões, acordos e promessas, garantidos pelo fato de que só há legítima argumentação onde houver liberdade. A imposição não respeita a diferença e não permite a argumentação colaborativa, que visa chegar a um bom termo para as partes, não havendo ganhadores, nem perdedores.

Pode-se dizer que a retórica é uma arte, no sentido de que procura os melhores meios para levar aos melhores resultados. A retoricidade resulta desse caráter de invenção, de escolha e de produção de efeitos, que geram os mais diversos impactos, as mais diversas reações, algumas previsíveis, outras imponderáveis. Ela é sempre uma construção, suscetível de acomodamentos.

Deparamos-nos com a situação de negociação a todo momento: negocia-se a forma de comunicação, o gênero a ser adotado, o melhor formato, a significação das palavras, o sentido que se produz, a própria imagem e representação nas relações interpessoais. Quando se argumenta, tem-se uma situação típica de negociação: apontam-se as contrapartidas, relativizam-se os excessos para chegar aos desejados ajustes e acomodações. Diante de controvérsias, há um enfrentamento, que não é isento de estados passionais (a arrogância, a vaidade, o medo, a desconfiança e outros). Entra-se aqui na questão da tolerância, que Perel-

man estimula em sua obra, ao opor-se às formas de violência. Não nos referimos aqui somente à violência física, mas àquela proveniente da violência social, econômica e de formas de dominação.

4. Interfaces da Argumentação com as disciplinas conexas

Uma vez delineado o campo da argumentação, pode-se ver as suas interfaces com as disciplinas conexas, que requerem o trabalho conjunto de muitos estudiosos, cada uma guardando as suas especificidades e identidade próprias. No *Handbook of Discourse Analysis*, coordenado por Debora Tannen e Débora Schiffrin, um dos autores, Robin Tolmach Lakoff, aponta as dificuldades desse diálogo, servindo-se de metáforas que evocam territorialidade, como “condado”, “império” e outras, dadas as injunções institucionais em que se desenvolvem.

No mundo moderno, a especialização cada vez maior não exclui a interdisciplinaridade e a conexão das diversas matérias, como se poderia pensar. Muito pelo contrário, aproximam-nas. Autores como Max Weber, Emmanuel Lévinas, Elias Canetti, Paul Ricoeur, Norberto Bobbio e outros exemplificam claramente isso, apontando para a dificuldade que se tem em colocá-los num determinado campo, delimitado ou exclusivo, tamanha é a sua abrangência, tocando vários terrenos. Dialogam com vários ramos do saber, como a Antropologia, a Política e a Economia.

No caso das Ciências da Linguagem, as relações mais estreitas se dão com a Filosofia, o Direito, a História, as Ciências Sociais, a Educação, as Ciências da Religião, a Psicanálise, as Ciências da Informação e Publicidade, entre as mais notórias.

É dentro desse espírito que o GERAR (Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação), sob minha coordenação, tem se pautado, buscando privilegiar o contraponto de sua disciplina específica – a Retórica e a Argumentação – com as diversas confluências estabelecidas. Os seminários, colóquios e conferências promovidos pelo grupo têm procurado enfatizar os pontos de intersecção com as Ciências Humanas que mais lhe tocam e com as quais o intercâmbio é bastante produtivo. É o que se vê nos principais temas examinados por especialistas convidados, de dentro e de fora da USP, e por elementos do grupo, já doutorados ou

em vias de doutoramento, assim como os de pós-doutorado. No *site* do GERAR, figuram os nomes de todos eles e de seus respectivos trabalhos. Entre os conferencistas convidados: Eric Landowski (CNRS, de Paris), Jean-Marie Klinkenberg (Groupe μ , de Liège), Rui Alexandre Grácio (atualmente na Universidade do Minho), Marlene Guirado (Instituto de Psicologia, USP), Marcos Napolitano (História, USP), Neyla Pardo Abril (Universidad Nacional de Bogotá), Manuel Chaparro (ECA, USP), Salem Nasser (FGV-SP), Paulo Casella (Direito, USP), Paulo Nogueira (UMESP), entre outros.

Os diversos sub-grupos que compõem O GERAR denotam o trabalho interdisciplinar que desenvolvem: Retórica e as Ciências Jurídicas; Argumentação e Educação; Retórica e Ciências da Religião; Argumentação e Ciências da Comunicação, discurso midiático; Retórica e Ciências Comportamentais; Retórica do Discurso Visual; Retórica e Discurso Musical; Argumentação e Discurso Político; Retórica e discurso literário.

Vejam, no quadro das Ciências Humanas, os pontos de contato com os Estudos do Discurso, sob a perspectiva da Retórica e a da Argumentação.

Em relação à **História**, pode-se dizer que esta tem uma estrutura retórica, conforme se pode ver ao longo da história da humanidade. Segundo Giambattista Vico, autor italiano do séc. XVIII, esta teria passado por quatro etapas:

- A idade dos deuses, metafórica por excelência.
- A idade dos heróis, metonímica pela exaltação de qualidades.
- A idade dos homens, caracterizada pela sinédoque, mediante a razão abstrativa.
- A idade retórica, caracterizada pela ironia, criadora da distância.

Kenneth Burke, repensando essa teoria, relaciona-a a modos de ver o mundo, isto é, a pontos de vista sobre o mundo:

- A metáfora proporciona uma perspectiva do mundo, um recorte.
- A metonímia fornece uma redução das coisas.
- A sinédoque estabelece uma representação.
- A ironia transmite uma perspectiva dialética.

Discute-se também a questão da literalidade e da figuralidade, o que leva a considerar o papel da História, imersa nessas condições. O estudo das alegorias, sobretudo, revela o quanto esses traços se interpenetram.

Com as **Ciências Sociais** as intersecções são mais evidentes, uma vez que a constituição do *ethos* na sociedade se dá sempre de forma retórica: ele se apresenta, representando-se, conforme tem sido desenvolvido por Michel Meyer, ao longo de sua obra. O foco está na questão da **diferença** como central na retórica, ao apontar o caminho que se estabelece com o outro, em que diminuir as **distâncias** seria trazê-lo para si, atenuar as diferenças. Em *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução* (1993), Meyer apresenta dois tipos de lógica que presidem esses movimentos: a lógica da sedução e a lógica do predador, que agem simultaneamente. Vamos aliar aqui as suas idéias às de Goffman (*A representação do EU no cotidiano*) e C. Javeau (*Sociologie de la vie quotidienne*). Ao estudar o jogo de relações sociais, chegamos então ao seguinte quadro:

Jogo de relações		Lógica sedutora	Lógica predadora
Identidade	Diferença		
Aproximação	Distanciamento	“Nós”	“Os outros”
Associação	Dissociação	Similaridade	Diferença
Atração	Repulsão	Dentro	Fora
Inclusão	Exclusão	Inclusividade	Exclusividade
Comunidade	Exterioridade		

Neste jogo de relações sociais, anulam-se diferenças para criar identidades e anulam-se identidades para criar diferenças. É este mecanismo que se dá quando se cria consenso ou se promove dissenso.

Outro ponto muito importante dentro desse quadro e que dá grande abertura aos estudos do discurso é a questão das **modalidades**, tratada igualmente pela **Filosofia** e pela **Semiótica**: as modalidades epistêmicas, aléticas e deônticas, bulêuticas, essencialmente. Greimas e Landowski, em *Análise do Discurso em Ciências Sociais* (1986), obra por eles organizada, mostram as diversas etapas da produção do saber, ou seja, uma

reflexão geral sobre as condições de produção e da apreensão da **significação**, assim como um conjunto de procedimentos aplicáveis à análise concreta de diversas manifestações sociais. A perspectiva adotada é a da Semiótica, pois sendo o discurso das Ciências Sociais uma busca de certezas, o percurso é feito no sentido de prever as condições de veridicção dos enunciados, ou seja, do “dizer verdadeiro”, seu ponto de chegada.

A íntima relação com a Filosofia se dá desde a antiguidade, quando os pensadores se ocupavam intensamente da questão do conhecimento e da reflexão e faziam da argumentação um **instrumento para filosofar**. Ao procurar justificar as suas posições, as suas novas interpretações e certezas faziam-no pelo processo argumentativo. O filósofo procura chegar a certezas, por meio das dúvidas, não pela via da opinião, mas de dados que ele confronta com a realidade e que o conduz ao que ele chama de **conhecimento**.

Na modernidade, filósofos de raiz e de formação, como Perelman, Michel Meyer e Toulmin reexaminam as relações da filosofia e da retórica, surgindo uma Nova Retórica, calcada nos princípios já percorridos no passado, mas agregando novas interpretações e procedimentos, à luz das novas ciências que foram surgindo. Reestuda-se, por exemplo, a trilogia retórica, constituída pelo *logos/ethos/pathos*, passível de ser compreendida por diversas abordagens. De fato, o *ethos* se constitui numa relação especular com o *pathos*. O primado da **razão** já não acontece como em Descartes e nos positivistas. É a fusão desses três elementos que se constata na visão dos fatos e dos acontecimentos. Pode-se pensar, com base nesses elementos, em um *logos* para a Filosofia, em uma Ética, voltada para o *ethos* e em Estética, relativa ao *pathos*, em traços gerais.

Meyer aponta em nossos dias para uma teoria do questionamento, a que ele denomina *problematologia*, num mundo em que tudo se torna passível de ser colocado em questão, pressupondo sempre uma interrogação a respeito. Afirma o autor: “As certezas são raras na vida cotidiana, em que tudo é suscetível de oposição, discutível, submetido à controvérsia e à probabilidade”¹ (2010, p. 10). Assim é que temos de fazer uma

¹ Nossa tradução para o original: “Les certitudes sont rares dans la vie de tous les jours, où tout est opposable, discutible, soumis à la controverse et à la probabilité” (Meyer, 2010, p. 10).

leitura retórica do mundo, já que ele também é construído retoricamente e que nem todos os dados estão evidentes e explícitos.

Com relação ao **Direito**, entre os gêneros do discurso praticados na velha retórica, o **jurídico**, ou também chamado **forense**, estava ligado à vida cotidiana da pólis grega e foi largamente praticado na vida do cidadão romano. A sua origem se prende ao surgimento de processos e ações que deveriam devolver aos donos seus bens, usurpados por invasores da Sicília, quando a força física já não resolveria as contendas. Estavam aí lançadas as bases do Direito Romano.

A Nova Retórica teve em Chaïm Perelman um grande cultivador da Ciência Jurídica, produzindo inúmeras obras que trouxeram novas luzes para esta ciência (*Lógica Jurídica, Razão e Justiça* e outras). Pode-se dizer que parte importante de sua obra é dedicada a essa Ciência. Conceitos como o de **razão prática** e de **valor** flexibilizaram os rígidos cânones que vigoravam até então nessa disciplina. Antes de seus estudos, a teoria pura do direito ignorava a existência dos juízos de valor. Não se pode desprezar a questão de saber se esses juízos de valor são a expressão de nossos impulsos, de nossas emoções e de nossos interesses, e portanto subjetivos, ou se há uma lógica dos juízos de valor. A tradição aristotélica admitia uma razão prática que se aplicava a todos os domínios da ação, o que inclui a ética, a política e a filosofia. Estendeu-se, assim, o que se entende por razão, para além dos raciocínios puramente dedutivos. Nas áreas que se voltam para opiniões controvertidas, quando se discute e se delibera, o recurso está nas técnicas argumentativas. Como pode um juiz considerar uma determinada decisão como sendo razoável, equitativa, aceitável? Tem-se, então que recorrer a uma discussão de outra natureza, porque não há um **acordo** quando se trata do que é justo ou injusto, belo ou feio, bem ou mal, porque estamos no terreno dos **valores**. A noção de acordo é central na teoria perelmaniana, porque é com ela que se pode enfrentar as situações de conflito e impedir o estabelecimento da violência.

Com relação à **Educação**, esta era dos bens mais cultivados na civilização greco-romana. A *paidea* era expressa por um conjunto dos preceitos que deveriam nortear a educação dos pequenos e dos jovens. Esmerava-se na educação. Quando a Grécia caiu em poder dos romanos, em 146 a.C., transformando-se numa simples província, os homens cul-

tos eram levados como preceptores dos filhos dos governantes, para que tivessem uma educação primorosa. O escravo tornou-se preceptor e o então preceptor, submisso a este. Reversão histórica de papéis.

Por que a argumentação tem papel fundamental na Educação? Partimos do pressuposto de que **falar é agir sobre o outro** e, portanto, **o discurso, uma forma de ação**. Assim sendo, isto só pode se dar na **interação** entre as partes.

Descrevemos, inicialmente, a natureza da argumentação e da retórica, seus limites e fronteiras, para que ficasse nítido o seu papel na escola, onde deveriam ser cultivados pontos de vista diferentes e o respeito à diversidade de opiniões. Este seria um papel fundamental da escola, nada fácil, em razão das imposições institucionais, dos protocolos burocráticos e das resistências a toda e qualquer abertura de pensamento. O receio do desconhecido impera muitas vezes, quando na verdade o que se procura é conhecer o desconhecido com o “conhecível”. A argumentação estaria exatamente neste ponto, ou seja, no domínio do plausível, daquilo que é razoável e verossímil, apoiando-se nos conhecimentos já demonstrados e aceitos por todos (a *doxa*, o repertório cultural, a enciclopédia, o arquivo, conceitos próximos) e, ao mesmo tempo, postulando a incerteza, o domínio do provável, em que se há de estabelecer o debate, domínio das controvérsias, dos conflitos e dos desencontros, para que aquela não imobilize e “engesse” estas e as inovações.

No que toca à educação, trata-se de propiciar reflexão sobre a importância de fatores retórico-argumentativos na competência discursiva dos falantes e apontar os efeitos de sentido resultantes das estratégias utilizadas, com vistas à eficácia da comunicação. A esse propósito, podem ser perfilhados os componentes essenciais de uma análise retórico-discursiva de textos e de sua estruturação, a partir das categorias da antiga retórica, ainda válidas até os nossos dias (a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *actio* e a *memoria*).

No que toca à **Política**, o discurso **deliberativo** era, dos gêneros da retórica, aquele que se incumbia da coisa pública, do bem social, daquilo que poderia ser útil à coletividade, afastando o que era nocivo e prejudicial à vida comum. Muitos discursos eram inflamados, sobretudo quando se tratava de alvejar as tiranias e desmandos daqueles que detinham o poder.

Na atualidade, a função do discurso político é bem mais complexa, pois se dá em meio a um emaranhado em que se mesclam fatores ideológicos, econômicos – que perpassam o político – e midiáticos, com toda a sua influência. Uma das questões frequentes nos discursos de natureza política é a do **ataque pessoal** (o *ad hominem*), frequente nas campanhas eleitorais, cotejado ao **elogio**, argumento qualificante, que procura estabelecer a adesão e facilitar as relações interpessoais, promovendo a *captatio benevolentiae*, na conquista da simpatia do outro. Constituem estratégias que se conjugam habilmente nas palavras dos oradores. Sobressaem-se, então, recursos como os de modéstia afetada, de sinceridade, de mentira útil ou piedosa, o que requer o conhecimento das **falácias**, num sentido mais amplo. Alguns estudiosos do discurso, a exemplo de Christian Plantin, consideram alguns desses procedimentos não em seu sentido negativo, como expressão de má fé, mas como um esforço de interação e de aproximação das partes, conforme vimos em quadro anterior. Estariam entre as estratégias de polidez, que visam a aproximação e o equilíbrio das relações. Outros, no caso da escola da pragma-dialética de Amsterdã, liderada por Franz van Eemeren, os consideram como quebra de regras de uma discussão inteligente e crítica, sobretudo os de ataque e determinados tipos de argumentos. Por exemplo, aqueles em que o orador exhibe as suas próprias qualidades, num excesso de autovalorização (o *ad verecundiam*) ou quando abusam do sentimento e da ingenuidade do auditório (o *ad ignorantiam*, o *ad populum*), por exemplo. Já salientamos o lugar da afetividade na argumentação, mas ela é apenas um dos componentes dentro desse espaço de tensão e de passionalidade. Afinal, argumenta-se com alguma finalidade e, ao dar os fundamentos em que se baseiam os argumentos, pretende-se conduzir a um processo decisório, mediante a escolha mais razoável, oportuna e conveniente “a cada caso”, conforme assinalou Aristóteles. Ficamos aqui com as palavras de Perelman, em seu livro *O Império Retórico* (1992 [1977]):

Uma retórica que, negligenciando a verdade, se contenta com a adesão do auditório – mantendo-se graças a efeitos de linguagem, sob o encanto da palavra, recorrendo à lisonja – é uma teoria da aparência (p.166).

Uma das contribuições da retórica para o discurso político se dá quando se discute um de seus eternos problemas: a questão do poder e do Estado. Estão eles sempre à baila qualquer que seja o sistema político. Vejam-se os trabalhos de Max Weber (*O Cientista e o político*), de Hanna Arendt (*Entre o passado e o futuro*), de Jurgen Habermas (*Mudança estrutural da esfera pública*), e outros nesse setor. Nem sempre o poder do Estado persegue fins que são os da coletividade, daí o espaço polêmico que este discurso constitui, propício à atuação da retórica.

No que toca às **teorias culturais** e aos estudos sobre alteridade, há pontos convergentes, uma vez que a questão da identidade lhes é comum.

Tomando-se o EU como instância retórica por excelência, entra aqui a questão do corpo, que representa a diferença em nós, ou mais exatamente, a *alteridade* para cada um. Já foi aqui exposto o fato de que o jogo entre identidade e diferença são próprios da relação retórica, sendo essencial na construção do sujeito e básico na construção do social. Convencer e persuadir seria exatamente diminuir essa distância entre os sujeitos. As paixões funcionam como a retórica do corpo e a possibilidade de eliminação das contradições. A identidade é figurativa e retoriza o corpo, sendo o inconsciente essa retorização, segundo a Psicanálise, como linguagem do corpo. A corporalidade constitui uma forma de estar no mundo, de comunicar-se com ele e de dar-se a ver ao outro. *O Si-mesmo como um outro (Soi-même comme un autre)*, de Paul Ricoeur, expressa essa dualidade.

Em *O Outro*, livro da coleção *Filosofias: o prazer do pensar*, o autor Franklin Leopoldo e Silva reflete sobre quem é o outro, num mundo em que tudo se apresenta como sendo o mesmo e como sendo o outro, ao mesmo tempo, o idêntico e o diferente. Uma vez que é a intersubjetividade que nos constitui, é na troca das experiências intersubjetivas que reconhecemos a alteridade. As recentes teorias da argumentação colocam ênfase na noção de **comunidade argumentativa**, formada em torno de objetivos comuns, de demandas e expectativas que criam identidades de grupo, despertando solidariedade e “comunhão dos espíritos”, no dizer de Perelman. Alguns autores, como Emmanuel Levinas, chegam a substituir o princípio da identidade pelo princípio ético da alteridade, com a consideração do outro como primordial em nossas relações com o mundo.

É imprescindível repensar o lugar da argumentação na **Comunicação** e nas **Relações Humanas**. Hoje, segundo Muniz Sodré, conhecido teórico da comunicação, estamos numa outra biosfera, de natureza cibernética, além dos outros bios, de diversas formas de vida. Esta nova situação leva a diferentes formas de estar no mundo, alterando profundamente as inter-relações pessoais. Procura-se democratizar o debate, aproximando comunicação, saberes e conhecimento, ao mesmo tempo que se verifica a origem da formação de opiniões, de controvérsias, na tentativa de chegar ao entendimento, o que não é muito fácil. Em *Dialogue de sourds*, Marc Angenot, professor da Universidade McGill, de Montréal, para estudos do discurso social e história das ideias, mostra os contornos que assumem uma argumentação em nossos dias:

Todo debate de ideias supõe não um espaço vazio onde construir uma demonstração, mas a intervenção em um discurso social saturado, cacofônico, cheio de ideias em moda, preconceitos, platitudes e paradoxos, em que todos os argumentos possíveis já estão utilizados, marcados, superpostas e parasitadas (tradução nossa).

Em *Retórica e Mídia*, livro organizado na UFRJ por Igor Sacramento e Fernanda Lima Lopes, que traz o subtítulo “Estudos Ibero-Brasileiros”, têm-se contribuições de grandes nomes, que fazem a ponte entre retórica e mídia, tais como López Eire, célebre professor da Universidade de Salamanca, recém falecido, Tomás Albaladejo, da Universidade Autónoma de Madri, José Augusto Mourão, da Universidade Nova de Lisboa e muitos outros.

Dentro das disciplinas relacionadas às **Ciências da Linguagem**, os enfoques também são distintos e compreendem as Teorias da Enunciação, as Análises do Discurso em suas diversas vertentes, a Pragmática, a Retórica e a Argumentação, a Análise da Conversação, podendo-se trabalhar numa visão transdisciplinar. Essas disciplinas apresentam pontos comuns, ligados à própria teoria da linguagem, já aceitos por todos os estudiosos, e, ao mesmo tempo, as suas especificidades, de acordo com as ênfases de cada uma e os recortes que estabelecem em suas diferentes metodologias. A grande dificuldade das pesquisas reside exatamente em detectar quais acoplamentos são possíveis no exame de seus objetos de investigação, havendo muitas vezes necessidade de recorrer à junção de dois ou mais en-

foques para dar conta de seu exame. Nada mais significativo, para caracterizar o trabalho de interdisciplinaridade, do que a noção de **confluência**, que aponta para um horizonte mais complexo, sobretudo em relação àquelas ciências em que entram relações interpessoais, as Humanas, que incluem um universo de perplexidades e **expectativas**.

No que toca à retórica e à argumentação, pautadas pela universalidade, e que atuam nos mais diversos sistemas de linguagem, em pleno domínio do razoável, do incerto e do provisório, recaem elas no domínio da **opinião**, em que se debatem pontos divergentes – espaço do contraditório –, que aguardam provas e fundamentos, mas em que se entremesiam sentimentos e emoções. Há ainda que considerar a questão do auditório/destinatário, dado que a interdisciplinaridade exige conhecimentos específicos, segundo os campos de atuação das disciplinas convocadas. Ao auditório, baseado num princípio de universalidade, o **auditório universal**, juntam-se saberes próprios de grupos de interesse, a que Perelman nomeia como sendo o **auditório particular**, pautados por uma racionalidade prática. Assim, a consideração do **outro** se torna fundamental, visto que a ele é direcionada toda a ação que se empreende. Tomamos aqui o conceito de **discurso** enquanto ação sobre o outro, ainda que este outro seja si próprio, como é o caso da **deliberação íntima**. Podemos discordar de nós mesmos ou duvidar de nosso conhecimento ou reconhecimento diante das coisas, pessoas e fatos. A **percepção** é fundamental nestes casos, dadas as relações que estabelecemos em nosso cotidiano e nas quais a presença do corpo é significativa na delimitação dos espaços. É a **intersubjetividade**, ou seja, o conjunto das experiências subjetivas, as que nos constituem, gerando os laços comunitários que nos delineiam e, ao mesmo tempo, definem a **alteridade**. Essa intersubjetividade só se torna real quando é construída no processo vivido (cito aqui *A sociedade refletida* e *Presenças do outro*, ambas de Eric Landowski) de caráter social e histórico, em meio a todas as vicissitudes e conflitos. Procura-se um equilíbrio entre a singularidade individual e o que os indivíduos possuem em comum. A partilha das crenças e dos valores que as comunidades aceitam, ou seja, a sua *doxa*, é estabelecadora dos elos e das afinidades que as unem. Afinal, o pensar e refletir significariam partir do individual e prosseguir numa rede de diferenças e identidades que permitam uma maior compreensão das transformações, o que implica a con-

sideração do histórico e da mudança em curso. Não há, pois, como afastar o critério de identidade, que estará sempre presente e irá se construir no trabalho de interação, sobretudo quando o que se deseja é o êxito da comunicação e dos resultados dela decorrentes.

Considerações finais

Estamos num território multifacetado do discurso, daí preferirmos tratar o tema sob a perspectiva da **multidisciplinaridade**, variações aparentes da unidade, do todo, e efetivação da identidade e das diferenças.

Levando em consideração o mundo de mudanças aceleradas em que vivemos e partindo de um núcleo conceitual básico, proveniente de nossa herança cultural e tradição, estamos dentro de uma trajetória de continuidade, permeada por rupturas e descontinuidades, em que o discurso constitui um ato dinâmico e interativo, com novas formas de comportamento e de presença. Trata-se de uma construção/desconstrução contínuas, em que o discurso em seu fazer retórico-argumentativo e por sua natureza e caracterização específicas como campo das controvérsias, do domínio das intersubjetividades, caminha do dissenso, do plural, para um possível consenso, muitas vezes inalcançável. Nesse quadro, perfilham-se questões relativas a processos identitários e, portanto, à construção de imagens. De igual modo, esse fazer discursivo compreende também a capacidade de resolução de conflitos, mediante negociações, acordos, envolvendo um poder decisório. Ele cumpre, em última análise, o papel de instrumento crítico da realidade. Como essa visão crítica não é exclusiva de nenhum saber específico, fazem-se todas as conexões possíveis, na tentativa de melhor apreender o objeto em questão. Isto é o que fortalece a confluência das disciplinas, com um enfoque multifacetário e sem exclusividade de qualquer uma delas. São comuns a todas elas, o alargamento do conceito de razão e a consideração do não-racional, incluindo-se o elemento emotivo e passional, aliando-se pois o pensar, o sentir e o agir, com repercussões no direcionamento de realidades futuras.

Recaímos, então, numa **retórica cultural**, baseada no conceito de semiosfera, de Iuri Lotman, que engloba a cultura como um todo, aquela

que se manifesta no conjunto de textos em circulação na sociedade e que valorizam uma semiodiversidade e os procesos dialógicos. A noção de fronteiras e limites leva a considerar movimentos que se dão entre centro e periferia em seu caráter dinâmico e móvel. Entram aí as noções de memória, de ruído (chiado), de codificação plural dos textos, em que a linguagem natural cotidiana está subjacente numa instância de outro grau, que é a cultura, na qual se inclui a noção de mundo.

Diante da diversidade de pontos de vista, trata-se, em última análise, de uma arte da convivência, em que não são cabíveis formas de intolerância e de violência, quaisquer que sejam, físicas ou verbais e simbólicas, mas de entendimento por vias do discurso. É nesse ponto que entram considerações de natureza ética e valorações estéticas. Habermas nos fala de racionalidade comunicativa e de construtivismo moral. Em *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*, ele afirma:

Esta última condição [a busca do consenso] reflete o sublime vínculo social: uma vez que encetamos uma práxis argumentativa, deixamo-nos enredar, por assim dizer, num vínculo social que se preserva entre os participantes, mesmo quando eles se dividem na competição da busca do melhor argumento (p.16).

Em nossos dias, a necessidade de uma abordagem multidisciplinar se faz sentir e as fronteiras se atenuam, cada disciplina conservando a sua identidade, mas valendo-se dos avanços alcançados nos espaços vizinhos, sem aquela reserva de território que muitas vezes compartimentou os saberes, tal como mostramos anteriormente, isolando-as numa atitude autossuficiente e arrogante, incompatível com o estado atual das ciências, tanto no campo das exatas como no das humanidades. Estas são algumas das reflexões que queremos trazer a este auditório, esperando que elas sejam instigantes de muitas outras, que nos levem a um horizonte interdisciplinar mais fecundo em aproximações e resultados.

Referências

- ALBALADEJO, T. Retórica de la comunicación y retórica en sociedad. In: BERISTÁIN, H.; RAMÍREZ VIDAL, G. (Org.). *Crisis de la Historia*. México: UNAM, 2009. p.39-58.
- ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1982.
- _____. *Dialogues de sourds*. Traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une nuits, 2008.

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ARISTÓTELES. *A Retórica*. 2.ed. Introdução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa nacional; Casa da Moeda, 2005.
- BURKE, K. *Rhetoric of Motives*. Berkeley: University of California Press, 1960.
- CASSIN, B. Les bonnes et les mauvaises rhétoriques. In: MEYER, M.; LEMPEREUR, A. *Figures et conflits rhétoriques*. Bruxelles: Ed. Université de Bruxelles, 1990.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EEMEREN, F. van; GROOTENDORST, R. *A Systematic Theory of Argumentation. The pragma-dialectical approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GREIMAS, A. J.; LANDOWSKI, E. *Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Trad. Cidmar Teorodo Pais. São Paulo: Global, 1986.
- HABERMAS, J. *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- _____. *Mudança estrutural na esfera pública*. Trad. Flávio R. Kothe Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Pontes; Educ, 1992.
- _____. *Presenças do Outro*. Trad. Mary A. L. de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LAKOFF, R. T. Nine Ways of Looking At Apologies: The Necessity for Interdisciplinary Theory and Method in Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMMILTON, H. E. *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden; Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p.199-214.
- LEOPOLDO E SILVA, F. *O Outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- LOTMAN, I. La retórica. In: _____. *La semiosfera I. Semiótica de la Cultura y del texto*. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996 [1981]. p.118-142.
- LÉVINAS, E. *Entre nós. Ensaio sobre a alteridade*. Trad. Pergentino S. Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão, sedução*. Trad. António Hall. Lisboa: Ed. 70, 1998 [1993].
- _____. *A Retórica*. Revisão e Apresentação Lineide Salvador Mosca. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *La Problematologie*. Paris: PUF, 2010.
- MOSCA, L.S. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n.09, p. 293-310, 2007.
- _____. (Org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- _____. A vitalidade da retórica: atravessando os séculos. *Língua e Literatura*, n.27, p.147-167, 2010.
- PERELMAN, C. *Lógica Jurídica*. Trad. Vergínia Pupi. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *O Império Retórico*. Retórica e Argumentação. Trad. Rui Alexandre Grácio. Porto: ASA, 1992 [1977].

- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação*. A Nova Retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].
- PLANTIN, C. *A Argumentação*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Les bonnes raisons des émotions*. Suíça: Peter Lang, 2011.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- SACRAMENTO, I.; LIMA LOPES, F. (Org.). *Retórica e Mídia*. Estudos ibero-brasileiros. Florianópolis: Insular, 2009.
- TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. 2.ed. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].
- WEBER, M. *Le savant et le politique*. Paris: la Découverte, 2003.